

**Érica Storer por Arthur Chaves, 7º Prêmio EDP das Artes, Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, 2020.**

Um ano estranho coloca todos que podem travados. Convivo com os quase quatro cômodos apertados do apartamento alugado, dividido por dois, isso virou tudo. Dentro, estudando o trabalho de Érica Storer, penso quando formos confinados nas expectativas sedentas dos avatares, se sobrevivemos entre ou como dados, nuvens soltas raspando cabeças, coletando brutalmente nosso cultivo infinito, mastigados nas bocas dos gigantes, filme triste assistido pela plateia amontoada de bens obsoletos que se reportam às promessas e felicidades das épocas nunca confirmadas, sem poderem se despedir daqui porque são de plástico, daí a seriedade sensivelmente manipulada aparece refletida nas vidas, na dela própria, da irmã, na minha, não sei, cumplicidade dos aproveitados, dos médicos baixos, clinicamente condecorados como colaboradores, parceiros, coautores, todos os nomes que disfarçam, eximindo responsabilidade e violências daqueles que mandam de fato. Mas sinto um veneno nessa faca, um riso de quem não tem muitas expectativas no horizonte: uma entortada, uma volta, surge a brecha que precisamos para o fôlego existir.

A articula junção com as tralhas, as põe em contato consigo, lhes proporcionando o direito da fofoca, do voo, da ostentação, tem que estar muito íntimo delas para perceber suas vontades, presença é o vestígio deixado com esforço pela situação toda, sudário sobre os gestos, formas resultantes dos condicionamentos e cobranças empregadas.

Já que temos exposição, ele pretende partir de seu arranjo do mobiliário encontrado nos sumidouros da instituição museu, aqueles que não tem estão mais em cena, trazendo à tona, fazendo pensar na carga dessa imagem, a relação confusão e cheia de promessas misteriosas que os artista se enfiam, por crença mesmo (eu acho), para poderem existir, incompletos, esticados, amarrados, suspensos, empilhados, por aí vai, estamos iguais, perdidos.

Aqui nesse lugar, pode pessoas que cabem numa mão concentram riquezas equivalentes ao restante do povo, imagino o trabalho da Érica como acidez de quem encara o olho do julgador, sem filtro. Prometeram coisas que não podem ser cumpridas, agora as peças se organizam.